

# CORAÇÃO DOMINADO

Fernanda Lambach e  
Tânia Fusco  
da equipe do **Correio**

**C**oração. Bate forte. Acelera. Impulsiona o sangue, emociona e empolga. Para os médicos é a mais perfeita bomba impulsora e expulsora conhecida no universo. Para os leigos é o centro de todas as grandes emoções. Misterioso com o constante pulsar, ele aterroriza quando ameaça falhar. Se parar é o fim de uma história de vida.

O executivo Antonio Selva estava em um taxi em São Paulo indo para um encontro importante de trabalho. Vinha sentindo uma dorzinha no peito e algum enjôo. No carro a dor foi aguda. Antes que pudesse pedir ajuda ao motorista, tudo ficou escuro. Acordou 12 horas depois em um hospital. O pulsar do coração perdeu o ritmo, um coágulo entupiu a artéria, *puf!* Era um infarto.

Antonio tinha 47 anos, pesava 96 quilos amontoados em um metro e 72 centímetros de altura, fumava dois maços de cigarro por dia, bebia no mínimo cinco doses diárias de uísque, dormia pouco, trabalhava de 12 a 15 horas diárias. Não fazia qualquer exercício físico. Jamais relaxava.

“Eu andava mesmo cavando a morte súbita”, diz rindo o homem, que hoje tem 50 anos e que foi salvo porque o taxi estava a uma quadra do Hospital das Clínicas de São Paulo, para onde foi levado.

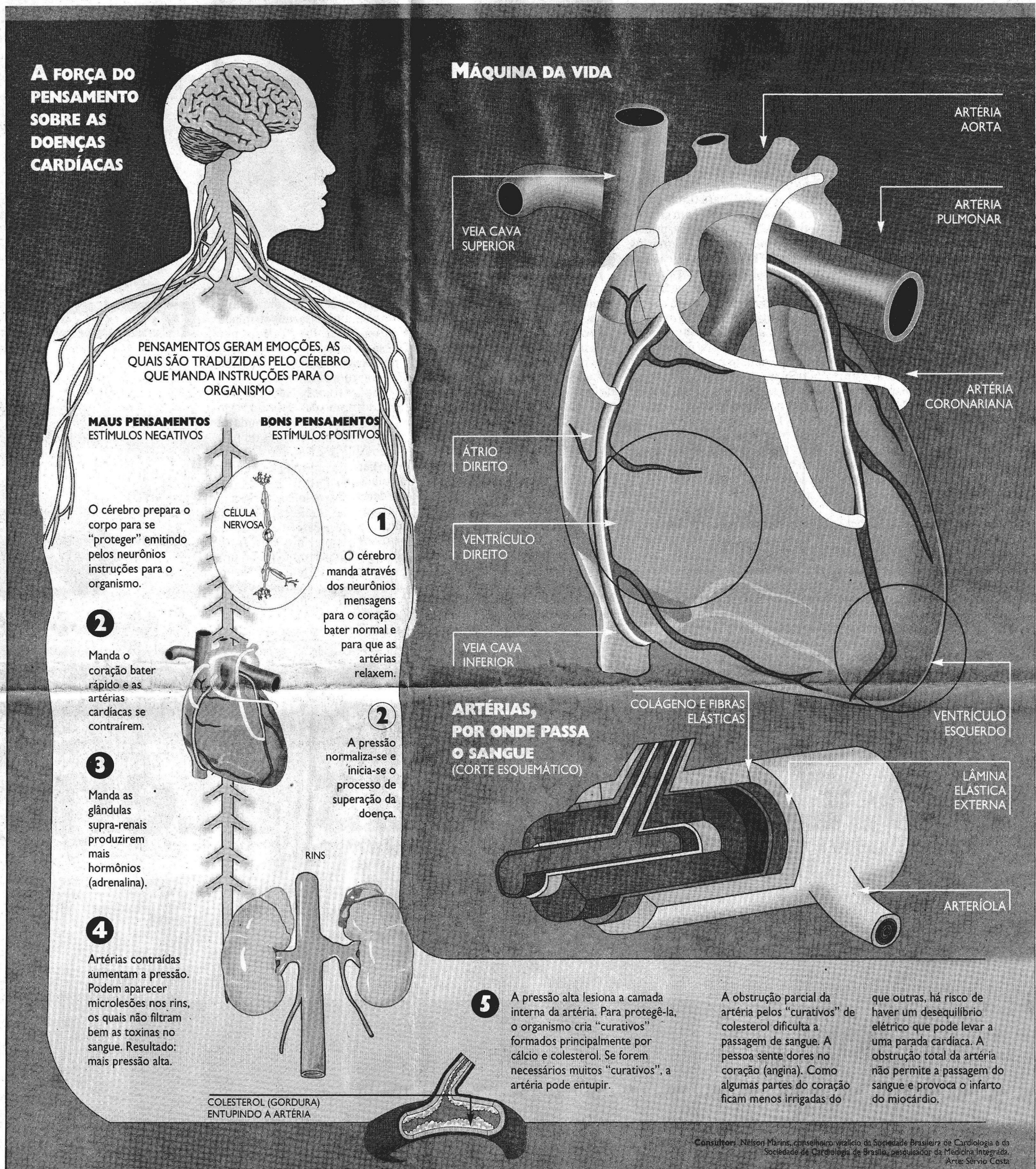
“Num hospital sem recursos eu teria morrido”, diz Antonio, que mudou radicalmente a sua vida. Trocou o trabalho estressante da cidade pela administração de uma das fazendas do pai, em Goiás.

“Aprendi a respeitar o meu limite. Tô cansado, paro de trabalhar. Larguei o cigarro, como bem e com horário certo. Faço exercícios físicos — natação e caminhadas na fazenda, jogo tênis nos fins de semana. Sei barrar a tensão doentia. Se ela cresce, paro tudo, caio na piscina, numa banheira de espuma. Ouça uma boa música. Enfim, baixo a adrenalina. E vou vivendo. Vinte anos atrás estaria morto”, conta.

Médicos e cientistas acreditam que, graças aos avanços da ciência, no século XXI, ninguém mais morrerá do coração. Mas hoje as doenças cardiovasculares ainda são a maior causa de mortalidade no Ocidente, superando até mesmo o câncer, acidentes automobilísticos e a Aids.

## REVOLUÇÃO

Médicos como o espanhol Valentín Fuster, vencedor do prêmio Príncipe de Astúrias, prometem que até o ano 2015 haverá um controle total das doenças cardiovasculares. O jovem cardiologista e cirurgião Leonardo Esteves, 31 anos, que atua no hospital *La Pitié Salpêtrière* de Paris, de três mil leitos, pioneiro nesse tipo de cirurgia, endossa: “Em 20, 30 anos teremos a grande revolução da genética molecular. Será uma nova era para o tratamento clínico e para os transplantes, inclusive de órgãos de animais para os seres humanos, os xenotransplantes.”



Leonardo, aponta a cirurgia cardíaca mini-invasiva como o maior avanço nas intervenções cardiovasculares dos dias de hoje. A cirurgia mini-invasiva é feita sem abertura do tórax. Apenas com incisões mínimas no peito do doente, por onde se introduz uma microcâmara de fibra ótica, um bistu-

ri elétrico e uma pinça, para a implantação de pontes mamárias, por exemplo. Isso significa menor corte, menor trauma, menor dor para o paciente, rapidez na operação e no pós-operatório e menos gasto com internações prolongadas. “A minimização é o futuro das cirurgias”, garante Leonardo.

O cardiologista André Esteves Lima, da equipe do Cardiocentro, em Brasília, e pai de Leonardo, afirma categoricamente que, em breve, o coração poderá ser totalmente dominado pelo homem. Especialista em cirurgias mini-invasivas, é um exemplo de que o Brasil, onde em 1968 foi feito o

segundo transplante do coração do mundo, pelo cirurgião paulista Euriclides de Jesus Zerbini, não está atrás do restante do mundo no que diz respeito à Cardiologia.

Nos últimos 20 anos, a ciência desenvolveu-se mais do que nunca e tentou buscar soluções as

mais variadas para que o coração não pare de funcionar. O estudo dos infartos, anginas, arritmias e outras doenças foram aprofundados. O desenvolvimento da alta tecnologia aponta para um futuro fantástico: aquele em que o homem poderá controlar totalmente o coração.

Consultor: Nelson Martins, conselheiro vitalício da Sociedade Brasileira de Cardiologia e da Sociedade de Cardiologia de Brasília, pesquisador da Medicina Integrada. Arte: Sérgio Costa